

Homilia – XXX Domingo do Tempo Comum
Peregrinação nacional da Legião de Maria a Fátima
A oração e a fé
28 de Outubro de 2012

1. «Filho de David tem piedade de mim»

A cura de Bartimeu é o último milagre de Jesus no evangelho de Marcos. Na vivaz e simpática narração evangélica aparece-nos um verdadeiro milagre da fé. Um homem cego passa a ver. Ele que estava sentado à beira do caminho, passa a ser discípulo que segue Jesus ao longo da estrada. O poder de Deus transformou um homem impotente num discípulo corajoso. Duas condições foram necessárias: a oração «Filho de David tem piedade de mim» e a fé «vai: a tua fé te salvou».

No evangelho de Marcos o primeiro milagre realizado por Jesus é a libertação de um endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum e o último é a cura deste cego. Os dois episódios ilustram a vitória de Cristo sobre as forças do mal que obstaculizam a sua presença messiânica: o maligno e cegueira do homem. Se a saúde é fundamental, a salvação é vital.

Mais que uma narração do milagre, o texto evangélico apresenta um caminho exemplar de fé. Este texto é mesmo central no evangelho de Marcos, pelo seu dinamismo simbólico. Pertencer à fé da Igreja é ser iluminado por Cristo-Luz e segui-lo nos caminhos da missão.

2. Ver o invisível

Toda a liturgia é, principalmente, celebração sacramental, que realiza, sobremaneira, na Eucaristia, a união entre o visível e o invisível, isto é, o único mistério de Deus, que outro não é senão o próprio Jesus Cristo (como escreve Agostinho: «Não há outro sacramento ‘mistério’ de Deus senão Jesus Cristo»¹). Ao dizermos que a Eucaristia, é o sacramento do mistério, queremos salientar a realização sacramental dos mistérios de Cristo na celebração litúrgica, ou melhor, como explica S. Leão Magno no célebre sermão da Ascensão do Senhor, ao falar do *mysterium* em perspectiva litúrgica, afirmando que no ato de partir Cristo permanece, porque: «o que no nosso Redentor era visível, passou para os seus sacramentos»².

¹ AUGUSTINUS, «*Epistula 187, 34*», CSEL 57, 112.

² LEO MAGNUS, «*Tractatus 74,2*», CCL 138 A, 457.

A Igreja existe para mostrar os mistérios de Cristo, ou melhor para evangelizar no aqui e agora da história.

O Santo Padre exorta-nos à peregrinação na fé e no amor: «Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A «fé, que actua pelo amor» (Gl 5, 6), torna-se um novo critério de entendimento e de acção, que muda toda a vida do homem (cf. Rm 12, 2; Cl 3, 9-10; Ef 4, 20-29; 2 Cor 5, 17)» (Porta Fidei 6).

3. Com Maria, “peregrinar na fé e no amor”

Na grande peregrinação da vida, Maria é um caminho seguro e fiel no seguimento de Cristo, como recordou o Papa Bento XVI: «*neste ideal cenáculo de fé que é Fátima, a Virgem Mãe indica-nos o caminho para a nossa oblação pura e santa nas mãos do Pai. Permitti abrir-vos o coração para vos dizer que a principal preocupação de todo o cristão, nomeadamente da pessoa consagrada e do ministro do Altar, há-de ser a fidelidade, a lealdade à própria vocação, como discípulo que quer seguir o Senhor*»³. O oferecimento da vida⁴ identifica-se com o Amor, porque só o Amor converte e muda o olhar do nosso coração. Toda a espiritualidade do oferecimento, à qual foram também convidados os pastorinhos de Fátima, pode resumir-se nas palavras de Paulo, um homem que fez de Cristo o primado da sua vida peregrina ao serviço do mistério da fé: «*exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o nosso culto espiritual*»⁵. Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna um sacrifício vivo e agradável a Deus, isto é, um autêntico culto espiritual, ou seja, a liturgia da vida vivida como “caminho” no quotidiano, como exorta Paulo «se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito»⁶.

No santuário cordimariano da minha Diocese, na bela aldeia de Cerejais, concelho de Alfândega da Fé, a celebrar os 50 anos da bênção da primeira capela deste grande potencial de evangelização no Nordeste Transmontano, encontra-se uma estátua do cego de nascença que o fundador do santuário o Cónego Manuel Ochoa pediu ao

³ BENTO XVI, *Discurso aos Sacerdotes, Seminaristas e Diáconos*, Fátima, 12.05.2010.

⁴ Cf. L. KONDOR-J.M. ALONSO (edd.), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010.

⁵ Rom 8,4; Cf. Gal 5,16.25.

⁶ Gl 5,25.

mestre José Rodrigues, com uma inscrição que nos concentra no evangelho de hoje e encaminha-nos na peregrinação da fé com Maria: «recuperar a fé é graça maior do que seria recuperar a vista».

O cego de Jericó descobre a palavra fundamental “tu” e suplica: “Jesus, Filho de David tende piedade de mim” na humildade do coração orante. Igualmente o publicano no Templo ao pedir: “*Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador*”. Estas súplicas dão origem ao *Kyrie Eleison* na Eucaristia e à oração do coração (hesicasmo)

A oração não consiste em falar com Deus, mas em escutar e estar com Deus. J. Cassiano (séc. V) recomendava aos que queriam aprender a rezar e a rezar continuamente que recorressem a um pequeno verso e que o repetissem muitas vezes, como este: “*Senhor, tende compaixão de mim, que sou pecador*”. Aos jovens e sobretudo aos seminaristas tenho recomendado outro: “*Senhor, eis-me aqui, podeis enviar-me*”.

“*Quem se humilha será exaltado*”. A humildade é a base da oração e a disposição necessária para receber a justiça gratuita de Deus e encontrar o seu rosto. A oração pede a humildade, isto é, adesão à realidade e ao *húmus* de que somos feitos. «A humildade no amor é uma força terrível, a mais poderosa, nada se iguala a ela» (Dostoiévski). Onde existe humildade há beleza e verdade, porque há abertura do coração e da inteligência ao amor. Por outro lado, onde existe orgulho há um sentido de superioridade e de desprezo dos outros.

Num tempo em que a palavra «crise» parece ser a chave hermenêutica de mudanças sociais e culturais, tenhamos a ousadia da alegria da fé para ver Jesus, ou seja ver o invisível.

+ José Manuel Cordeiro